

PROJETO DE AUTONOMIA E FLEXIBILIDADE CURRICULAR (PAFC) - Um olhar no presente, a pensar (já) no futuro próximo

Recentemente em dois momentos e locais distintos, projetámos para cerca de 600 professores (incluindo Diretores) o nosso olhar reflexivo sobre o caminho que temos percorrido no âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC). O importante aqui não é dar conta do nosso “protagonismo”. Nem tanto o que se comunicou. Relevante será reconhecer o interesse e a disponibilidade voluntária de quem quis (quer) escutar a ressonância do PAFC. E foram (são) muitos. Como também a sua “proximidade” à partilha. Mas, salvo melhor opinião, impactante é, sem dúvida, o que emerge da interpelação e o que esta suscita em nós. É disto que gostaria de vos falar. Se me quiserem acompanhar neste “trilho”, procurarei deixar algumas pistas importantes (“lições aprendidas sobre o PAFC”). É certo que é uma “vista de um ponto” (como há uns anos assim referiu num seminário a que assisti João Barroso ao se reportar à tradicional expressão “ponto de vista”). Vale o que vale, no entanto.

Então, desde já o meu obrigado por caminharem comigo...

Ainda na linha de partida, dizer que o nosso Agrupamento respondeu positivamente ao desafio do ME para implementar, em regime de experiência pedagógica, o PAFC no presente ano letivo. Assim, temos todos os alunos do 1º ano, todas as turmas do 5º ano (são 4) e todas as turmas do 7º ano (também 4) integradas neste projeto-piloto e cerca de 50 professores envolvidos.

Sigamos então as “pistas”:

1. O PAFC começa por desinquietar. Parece levar-nos a coisas incertas, sem (muita) “rede”. Mais do que soluções, deixa desafios.
2. O desenvolvimento do “caminho” PAFC suscita, pois, um conjunto de questões desafiantes que de forma sistemática obrigam a Escola e os seus professores a saírem das suas zonas de conforto. Uns mais do que outros. Mas as coisas não ficam iguais, na mesma...
3. Há que pensar o que é se pode fazer para nos movermos. A ideia é chegar ao possível, não ao ideal. O importante é “avançar”, fazer coisas. Com intencionalidade. Não ter “medo”. Compreendendo o que é possível, necessário mudar. Preparando-nos para o “desconhecido”. Que não o será se alinharmos o rumo, o sentido, a direção, os primeiros passos.
4. Para que o “caminho” seja mais sustentado, importa alinhá-lo com a missão da nossa Escola, com a nossa cultura organizacional. Importa ainda que estudemos bem as coisas, conhecê-las a fundo. Isso dá-nos mais segurança. Precisamos de algum suporte, de conhecimento.
5. Os documentos estruturantes/orientadores emanados do ME (Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade (PA), Aprendizagens Essenciais (AE), Programas das disciplinas, Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e Despacho que regulamenta a experiência), bem

como o trabalho de proximidade das Equipas Nacionais e Regionais do PAFC e do próprio Secretário de Estado, ajudaram e muito nos primeiros e essenciais passos e neste “fazer caminho”. Deram-nos conhecimento. E segurança.

6. Também para que o nosso caminho tivesse maior intencionalidade e segurança, estabelecemos procedimentos de monitorização e avaliação internos. Assim, foram estabelecidos objetivos estratégicos, privilegiados indicadores ao nível dos processos e dos resultados escolares alinhados com as ações a desenvolver e as metas fixadas a atingir. A monitorização e avaliação competem ao Conselho de Docentes (1º ano), Departamentos Curriculares e Conselho Pedagógico.

7. Ao caminharmos fomos descobrindo que o diploma que regulamenta o PAFC é menos prescritivo do que os anteriores. São dados exemplos, mas não são impostas soluções. Abre possibilidades que até então eram impossíveis: fusão de disciplinas, tempos partilhados, semanas que não funcionam com o horário arrumado por disciplinas mas por temas. Não há imposição. Nem proibição. Antes POSSIBILITA. Abre “janelas” de oportunidade.

8. A cada (novo) passo, fomos tendo pequenas certezas. Uma delas é que o PAFC devolve às Escolas decisões pedagógicas. Permite organizar o currículo de forma a proporcionar oportunidades educativas múltiplas, inteligentes, desafiadoras e construídas de forma mais adequada a cada contexto, a fazer diferente.

9. Hoje, já com muitos passos dados neste “fazer caminho, caminhando”, reconhecemos que a operacionalização desta experiência-piloto (a coberto do Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho) foi muito importante. As Escolas que nela participam têm um olhar sobre o PAFC que não é mero “achismo”. Sabem onde estão, como lá chegaram, mas sobretudo, percebem o que ainda é preciso ser feito e porquê. Tal ajuda e muito à sustentabilidade do novo e próximo caminho a fazer.

10. O PAFC ao ser entendido como uma extensão do projeto global da Escola e ao ser apropriado por cada Escola, tem permitido de uma forma contextualizada e integrada: i) o aprofundamento, a consolidação e a avaliação do currículo claro e focado; ii) o desenvolvimento das áreas de competências definidas no PA; iii) a promoção de dinâmicas pedagógicas, que valorizam e integram num “todo” os projetos de desenvolvimento educativo existentes, ou a criar, centradas no aluno e nas aprendizagens significativas; iv) a transversalidade e de integração de saberes e de valores, promovendo a sua aplicabilidade numa situação de estreito contato com as necessidades reais da comunidade propiciando o diálogo entre a comunidade e a escola; v) o exercício efetivo de uma cidadania ativa, centrada em contextos sociais relevantes.

11. Hoje, podemos afirmar com convicção de que o PAFC é uma ferramenta que ajuda a promover o sucesso escolar, mediante o estabelecimento de compromissos graduais de transdisciplinaridade, de participação e de reforço da autonomia e responsabilidade pessoal e coletiva. É um caminho viável para a diferenciação inclusiva. Um caminho que diferencia processos, que diferencia produtos.

12. O PAFC gera metamorfoses – ajuda a passar do conhecimento para a ação, da pedagogia de transmissão para a pedagogia de produção, onde os alunos podem demonstrar conhecimentos e capacidades em outras e de várias maneiras e em outras e em vários contextos.

13. No nosso "caminho" PAFC, a organização das equipas educativas foi muito importante. Constituímos equipas pedagógicas “especialistas” reduzidas (no caso do 2º e 3º ciclos), com a distribuição do serviço docente a ser, sempre que possível, um professor por área disciplinar. Estamos a descobrir que com equipas pedagógicas reduzidas e a lecionar sempre que possível apenas todas as turmas PAFC, consegue-se maior eficácia nas condições para a flexibilização curricular, reforço do trabalho colaborativo, articulação transdisciplinar na tomada de decisões, entre outros aspetos pedagógicos relevantes.

14. Há muito que sabíamos ser fundamental a disponibilização de tempo para o trabalho colaborativo de todos os docentes, para planificação conjunta, produção de materiais, calendarização de atividades, monitorização e avaliação dos processos. O trabalho colaborativo dos docentes é um preditor de sucesso escolar. Assim, todos os nossos professores PAFC têm um tempo semanal comum (componente letiva), às 4ªs feiras e mais dois tempos de componente não letiva (CNL), Estes 2 tempos CNL, são umas vezes comuns, outras não. Depende do que pretendem fazer e da planificação que estabelecem.

15. A reorganização da gramática escolar e do seu modo de pensar, planear, agir e interagir são muito importantes. O PAFC contribui para a metamorfose dos mesmos. O trabalho resulta mais eficaz se a organização pedagógica das equipas educativas não se processar ao fim de um dia de trabalho. Importa que o momento destas reuniões de carácter sistemático, possam ocorrer no final da manhã ou logo no início do turno da tarde. É nesse sentido que vamos reorganizar as coisas para o próximo ano letivo.

16. Faz sentido alterar o organograma da Escola com a criação de novas estruturas de coordenação. No nosso Agrupamento, a Coordenação do PAFC está a cargo de três docentes (um do 1º ciclo, outro do 2º ciclo e outro ainda, do 3º ciclo). Todos integram o Conselho Pedagógico e um deles, é ainda Coordenador dos Diretores de Turma. Obteve-se assim maior eficácia nos processos de organização, planeamento, sistematização, reflexão e monitorização. Também criámos a Coordenação da Cidadania e Desenvolvimento (CD), cuja função foi atribuída à coordenadora dos diretores de turma (que tem as 4 turmas do 7º ano), opção eficaz para os fins em vista. Todos estes novos Coordenadores integram o Conselho Pedagógico e um deles, é ainda, Coordenador dos Diretores de Turma. Obteve-se assim maior eficácia nos processos de organização, planeamento, sistematização, reflexão e monitorização.

17. Com o PAFC não há prescrição nos instrumentos de planeamento e gestão curricular. Cada Escola define os seus. São opções de cada Escola. Não se impõe que tenham todas o mesmo. Isto é dar autonomia às Escolas. Pouco ou muita, o certo é que por via disso exercemos autonomia no planeamento de vários instrumentos próprios de gestão curricular.

Houve total flexibilidade. Sabemos que nem todas as Escolas do projeto-piloto estão a ter o mesmo e um só planeamento dos seus instrumentos de gestão. E nada foi imposto.

18. O PAFC valoriza e dá sentido à palavra autonomia. Até agora, a autonomia dada às Escolas era pouco concretizada, na medida em que não tinha verdadeiro âmbito sobre o currículo ou era sujeita a contrato (O nosso Agrupamento tem contrato celebrado com o ME desde setembro de 2007 e com o PAFC exercemos maior autonomia do que em sede do nosso contrato). O facto de as Escolas terem a possibilidade de optar por usar a flexibilidade em percentagens diferentes, em turmas diferentes, mostra bem que se está a trabalhar um conceito sólido de autonomia.

19. Uma outra nota de autonomia dada às Escolas e configurada no PAFC relaciona-se com as disciplinas de Educação e Cidadania e de TIC que podem ter uma organização anual, semestral, mas também a disciplina Educação e Cidadania pode ser operacionalizada de forma transversal ou interdisciplinar. No nosso caso, a opção recaiu numa organização semestral, bem sucedida.

20. Partindo da interrogação "Ensinamos para a cidadania ou educamos para a cidadania?", planeámos a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento para ser experienciada (e tem sido) nos seus diversos contextos reais, tendo como vertentes de desenvolvimento a cidadania ativa, as competências essenciais de formação cidadã (Competências para uma Cultura da Democracia). Os domínios abordados abrangeram a interculturalidade, direitos humanos, igualdade de género, sustentabilidade, media, saúde. Definimos em conjunto com os alunos os critérios de avaliação desta nova disciplina.

21. A constituição dos Domínios de Articulação Curricular (DAC) teve em conta o nível/ciclo de ensino e as opções metodológicas foram delineadas de acordo com as características dos alunos, estabelecendo-se domínios de abordagens dominantes para o desenvolvimento dos projetos de cada turma. As turmas escolheram um tema integrador e, algumas, a partir deste, subtemas.

22. A geometria de articulação interdisciplinar prevista no PAFC é verdade que não é nova. O PAFC o que traz de novo é a possibilidade de as Escolas utilizarem com autonomia e flexibilidade até 25% da gestão curricular. Não acabam as disciplinas. Mas também não precisamos de ter projetos interdisciplinares (DAC) todo o ano e com todas as disciplinas. Podemos ter um tema agregador comum que potencie a articulação interdisciplinar. Mas não necessariamente. Depende de quem são os alunos das turmas e os seus professores. Também não se afigura indispensável fixar tempos anuais comuns para todo o ano letivo. Nós optámos e bem, pela reorganização dos horários das turmas/professores sempre que a emergência contextualizada de atividades inter e transdisciplinares de relevância para o fim em vista se justificam.

23. As DAC permitem não só pensar a Escola a partir do não escolar, importando práticas que conduzem a aprendizagem significativas, como também desalienar o trabalho escolar através da promoção do aluno a "produtor" do saber.

24. O processo de avaliação das DAC, por sua vez, é integrado no currículo, valorizando-se as suas dimensões formativa e formadora.

25. O olhar proposto pelo PAFC sobre avaliação centra-se na sua dimensão formativa. Valoriza-se a avaliação como um instrumento ao serviço de melhores aprendizagens, por oposição à avaliação sumativa centrada nos conhecimentos e não como um instrumento regulador das Escolas (alimentando a máquina dos rankings).

26. O PAFC aponta para instrumentos de avaliação que não verificam apenas rotinas de memorização, mas capacidade de análise, produção de conhecimento, resolução colaborativa de problemas, entre outras dimensões (à luz do Perfil do Aluno). Abre portas a uma riqueza maior na avaliação. Não impõe, mas sobretudo não proíbe que se avalie com instrumentos mais diferenciados.

27. No PAFC, há a lógica clara de ciclo para progressão do aluno.

28. O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade é na sua base um perfil inclusivo uma vez que considera o desenvolvimento holístico dos alunos considerando as dimensões do saber, do saber fazer e do saber estar, com enfoque da exigência, mas também na atenção à diversidade e, conseqüentemente, na equidade e democracia. Introduce o princípio da flexibilidade, fundamental na Educação Inclusiva.

29. Assim, com o PAFC podemos construir um perfil de aluno humanista, mobilizando “valores e competências que lhes permitam intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável.” Este é um outro grande desafio que importa que as Escolas o sintam como seu.

30. A gestão flexível do currículo, resultado do trabalho colaborativo de todos os docentes, permite potenciar oportunidades para todos os alunos atingirem o seu máximo potencial, garantindo assim o acesso ao currículo e às aprendizagens essenciais, ou seja, o que os alunos não podem deixar de aprender ao longo do seu percurso escolar.

31. Com o PAFC não houve reforço do crédito horário para as Escolas, é certo. Pode ser apontado como uma limitação da autonomia e uma restrição ao enriquecimento do currículo com a dinamização de atividades várias. Admite-se. Mas, em primeiro lugar, é preciso saber se as escolas do PAFC precisaram de mais crédito para o que desenvolveram. No nosso caso, não precisámos. Tanto quanto sabemos, muitas outras Escolas do PAFC também não precisaram de reforço do crédito horário. Fazer mais ou diferente com o mesmo também é um desafio à arte de (bem) gerir.

32. Por último, é importante ao se fazer o caminho PAFC, assegurar a formação dos professores integrados no mesmo, em áreas como Metodologias Ativas, Avaliação para as Aprendizagens e Trabalho de Projeto com base em conceitos e tecnologias inovadoras, centradas no aluno e na sala de aula. Esta é uma vertente que temos que operacionalizar já

no próximo ano, porque vamos apostar mais ainda na metodologia de projeto e na interdisciplinaridade.

Bem, umas últimas notas.

Começámos este caminho PAFC com passos pequenos, mas seguros. Para o próximo ano, queremos alargar a experiência a outros anos de escolaridade. Aguardamos o sinal dos tempos para o próximo ano letivo que entretanto deve vir da Tutela relativamente ao alargamento e consolidação da experiência-piloto para prosseguirmos o nosso caminho que se deseja mais amplo, consistente e aprofundado.

Entretanto, no decorrer deste 3º período, estamos a dar voz aos alunos, professores e pais/encarregados de educação, escutando-os sobre o seu “olhar e sentir” do PAFC, para lançar a organização do próximo ano letivo. Ainda neste contexto e com uma finalidade mais abrangente, está em curso o nosso processo de autoavaliação do Agrupamento à luz do modelo CAF.

Começámos com pequenos passos. Não podemos parar. Os seguintes são ainda mais importantes...

Fernando Elias

Diretor do Agrupamento de Escolas de Colmeias

Texto publicado no dia 22 de abril de 2018 na minha página do Facebook

https://www.facebook.com/fernando.elias.925/posts/2106545526026375?notif_id=1524422516049142¬if_t=feedback_reaction_generic&ref=notif

BIBLIOGRAFIA:

NOESIS - Notícias da Educação # 21 janeiro 2018. Disponível em:

<https://mail.google.com/mail/u/1/#search/noesis/160ea14ed191edd1>

Palmeirão, C. e Alves, J. M. (Coord.) (2018). *Construir a Autonomia e a Flexibilização Curricular: os desafios da escola e dos professores*, Universidade Católica Editora. Porto: Disponível em:

http://www.uceditora.ucp.pt/resources/Documentos/UCEditora/PDF%20Livros/Porto/Construir%20a%20autonomia_completo.pdf